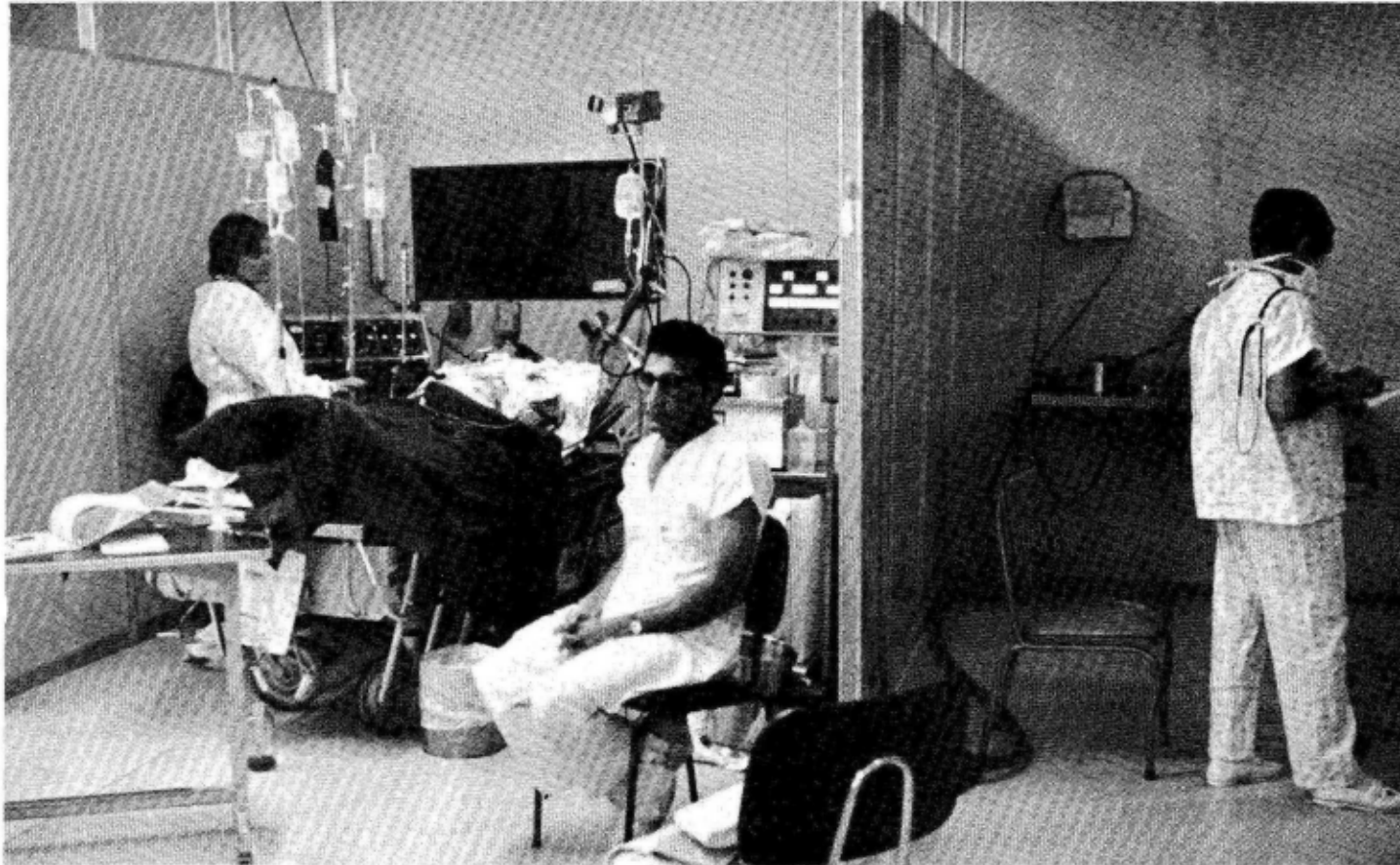


Improvisação é o remédio mágico dos médicos

Falta de material e de leitos, paredes mofadas, goteiras, fuligem. O HBB está em coma

FOTOS: LUCIO BERNARDO



Unidade de Tratamento Intensivo: sem janelas, sem esterilização, cheia de goteiras, infiltrações e fuligem

LEONEL ROCHA
Da Editoria de Cidade

Improvisação. Esta é a palavra mágica fundamental para que o trabalho de todos os profissionais de saúde do Hospital de Base de Brasília possa ser feito. Falta toda espécie de material, desde luvas esterilizadas a leitos para acomodar os pacientes, desde recursos a botas para uso médico e até mesmo um catéter (sonda) imprescindível na hemodiálise. Paredes mofadas depois da infiltração de água de canos quebrados, goteiras generalizadas e até fuligem das chaminés das caldeiras que entra pelos pequenos basculantes e suja o material da Unidade de Terapia Intensiva.

As instalações do Hospital de Base estão bem distantes do modelo estabelecido pela Organização Mundial de Saúde. Distantes, também, das recomendações mínimas que se pode esperar para um País subdesenvolvido e sem os avanços na área de ciência médica. Imagens como as que são vistas diariamente nos corredores do HBB podem ser transportadas, sem modificações, para um filme pavoroso sobre o alto risco de contaminação e infecção hospitalar.

É comum encontrar pacientes que deveriam ser internados na enfermaria passar até 15 dias nos corredores da Clínica Médica, recebendo o medicamento adequado mas expostos a outras doenças que podem ter seus vizinhos de maca. Cinco médicos trabalham na Clínica Médica. Três para atendimentos gerais e dois no tratamento neurológico. Num espaço onde cabem, no máximo, 20 leitos, hoje podem ser atendidos até 80 pacientes.

O comentário geral dos médicos nos corredores do HBB é de que o hospital é uma caldeira prestes a explodir. "Mas nós fazemos o que pode ser feito", argumenta um médico que não quis ser identificado. Lembra que o HBB recebe pacientes de várias partes do País que chegam a Brasília chamados por parentes ou na esperança de ter

um melhor tratamento. CONTAGIO

O risco da contaminação na Clínica Médica é grande porque o contato entre doentes é muito estreito. Uma pessoa com hepatite, por exemplo, pode contagiar toda uma sala repleta de outros internados. Um bacilo da tuberculose pode se instalar em outro paciente com pneumonia sem que os médicos saibam, porque antes de fazer os exames o tuberculoso fica, também, junto com dezenas de outros doentes.

Os próprios médicos e enfermeiros correm risco com o aglomerado de pacientes numa mesma sala. José Francisco de Paula está desde o início da semana vivendo com seu problema pulmonar no corredor que dá acesso à Clínica Médica. Sua mulher, Orosina de Paula, está desesperada e tenta a todo custo levar o marido para a enfermaria. Mas lá não há vaga. Algumas famílias apelam para a influência de políticos e tentam obter uma vaga, mas não conseguem porque não existe.

Até mesmo os médicos não têm tempo de fazer a limpeza ideal das mãos e braços e trabalham em ritmo de operação, que ganha por produção. Só que o médico trabalha em ritmo de empreitada e não recebe por paciente recuperado ou não. No final de um dia calmo os problemas podem ser menores. Mas numa segunda-feira, por exemplo, um dia geralmente movimentado, a situação piora e o tratamento é feito como se pode.

OBRAS

Mas existem algumas obras sendo tocadas no HBB. Com seus 11 andares construídos há 26 anos junto com a fundação da cidade, o hospital mais bem equipado do hemisfério Norte do País (caso pudessemos dividir o Brasil ao meio com uma linha imaginária) tem todo o seu quarto andar vazio e desmanchado. Lá será uma grande Central de Tratamento Intensivo. Mas por enquanto não existe dinheiro para instalar os equipamentos.

Metade do 11º andar também está em obras. Caminham lentamente. Lá deverá ficar a se-

gunda parte do Centro Cirúrgico Infantil. Mas por enquanto este problema pode ser contornado. Somente agora, quase um ano depois de iniciada a reforma da unidade de Anatomia Patológica, está ficando pronta com suas novas divisões e instalação de materiais adequados ao trabalho. Esta foi uma conquista que a médica responsável exibe com orgulho e satisfação, numa espécie de saída do purgatório para uma outra estação de sofrimento menos doida.

Mas existem outras obras pequenas sendo feitas. Pinturas de paredes que estavam mofadas, consertos que não aparecem mas que são fundamentais para o bom funcionamento de um hospital na capital de um País que tem a oitava economia e desponta como líder dos países do Terceiro Mundo.

E todos estes problemas num hospital concebido para atendimento terciário (quando o caso é mais grave). Mas todos os tipos de atendimentos são feitos no Hospital de Base. Desde corte no dedo até complicadas cirurgias que exigem alto índice de tecnologia.

Estão guardados alguns aparelhos sofisticados à espera de instalação nos depósitos do HBB. Essa demora irrita os médicos. Mas eles esperam por determinação da Fundação Hospitalar, o órgão que decide sobre estas coisas, e a "burocracia administrativa do setor de saúde é tão emperrada quanto de qualquer outro setor da administração pública", comenta o diretor do HBB, Márcio Palis Horta.

Mas parece que toda esta situação prolongada, crônica — o que também acontece nos outros hospitais da Fundação Hospitalar — deixou os médicos caleçados e aptos para a improvisação e a resolução de problemas administrativos que fogem da área, como passar uma noite procurando um determinado tipo de soro ou um remédio qualquer. "Nós estamos acostumados, como um libanês que convive normalmente com a guerra continuada em seu país," comenta outro médico que trabalha na UTI do Hospital de Base.